



SERRANÓPOLIS



Um Símbolo de Patrimônio da Humanidade

Altair Sales Barbosa

A região de arqueologia de Serranópolis, situada no sudoeste de Goiás, pela natureza e característica dos sítios arqueológicos aí encontrados, desempenha importante papel na compreensão da arqueologia do Brasil e da América do Sul.



Os sítios localizados, principalmente nos arredores da cidade de Serranópolis, tem oferecido uma sequência de ocupações que vem de aproximadamente 13.000 anos Antes do Presente até o início do século XX, em circunstâncias muito especiais, principalmente no que se refere à conservação e disposição estratigráfica do material, permitindo uma visão clara das mudanças culturais e fornecendo dados importantes sobre mudanças ambientais ocorridas durante o período.

No atual estágio do conhecimento, torna-se impossível qualquer tentativa de compreensão da pré-história das áreas interioranas centrais da América do Sul, sem ter como referência a Arqueologia da região de Serranópolis.

Os estudos na área tiveram início em 1975, integrando as atividades de um projeto maior, denominado Projeto Paranaíba, coordenado pelos professores Pe. Pedro Ignácio Schmitz S.J. e Altair Sales Barbosa, com apoio do CNPq e IPHAN. Desde esta época o projeto conseguiu reunir dezenas de datações de C-14, realizadas pela Smithsonian Institution de Washington DC, por intermédio da Dra. Betty Meggers (em memória).



Professores: Schmitz e Altair

O Projeto Paranaíba abrange quase a totalidade da vertente goiana do Paranaíba, área que geologicamente se enquadra na bacia sedimentar do Paraná, com todas as peculiaridades do contato entre o arenito Botucatu e o derramamento basáltico da formação Serra Geral, fato que permitiu a silicificação de parte do arenito, formando abrigos e propiciando matéria prima de excelente qualidade para confecção de instrumentos pelos seres humanos que habitaram a área.



A vegetação de cerrado se nos apresenta com todos seus matizes, variando de um gradiente totalmente aberto (campos), até ambientes ombrófilos (matas), onde existem manchas de solo de boa fertilidade natural.

Por isso, não é nenhum exagero afirmar que a região arqueológica de Serranópolis, em especial, as grutas do Diogo, Manoel Braga e Jair e Altair Canjerana, podem ser consideradas “*Patrimônios da Humanidade*”, e, sem sombra de dúvida, se encontra entre os maiores, talvez o maior *Patrimônio Arqueológico*

do Brasil, não pela ostentação das pinturas rupestres, que aliás são muitas e variadas, mas principalmente pelas camadas estratigráficas formadas nos abrigos, onde cada fina camada de terra, funciona como se fosse página de um gigantesco livro, que conta em minúcias a história dos primórdios da ocupação humana do centro estratégico da América do Sul.

Essas informações minuciosas vem desde 13.000 anos Antes do Presente, até o início do século 20, quando se iniciou de forma efetiva a implantação de grandes fazendas na região. Em nenhum outro local do Brasil, essa situação é encontrada.

Cada pequena porção de sedimento removido revela a tecnologia utilizada por esses povos, seus hábitos alimentares, sua organização social e espacial, seus ritos de sepultamento, dados sobre demografia, a evolução ou adaptação ecológica através de milha-



res de anos, as inovações e, possivelmente empréstimos e troca de saberes com outros povos.



Além de restos de vegetais nativos consumidos associados a conjuntos tecnológicos de pedra lascada, podem ser encontrados, também de forma abundante, restos de animais consumidos por essas populações.

Nos períodos mais antigos esse tipo de material, se mostra associado com material lascado sem formas definidas, caracterizado por lascas, com gumes desgastados, sinalizando a intensa utilização destas.

Aparece também de forma bem definida, variados instrumentos, destacando entre estes as “lesmas”, termo utilizado pela arqueologia brasileira, para caracterizar o mais singular conjunto de instrumentos do início da ocupação pré-histórica do centro da América do Sul. Apesar de serem conhecidas noutras áreas do continente, a elaboração desses instrumentos em Serranópolis, atingiu seu nível de perfeição. E as “lesmas” elaboradas aí, servem de guia taxonômico para outras localidades.



As mudanças ambientais são reveladas de forma clara pela estratigrafia dos abrigos, indicando períodos com oscilações de umidade e temperatura, desde 13.000 anos até os tempos atuais. Fato que nos obriga refletir sobre as situações ambientais atuais, com seus períodos de farta umidade e períodos longos de estiagem. Lança uma luz fundamental sobre as atuações e alcance dos fenômenos El Niño e La Niña, além de nos alertar sobre os reflexos no Hemisfério Sul da Glaciação Pleistocênica do Hemisfério Norte. Tudo isto é possível ler nas páginas deste gigantesco livro formado no interior dos abrigos de Serranópolis. Entretanto, todos esses dados não passam de uma pequena parcela de um conjunto de informações aí obtido.



É um laboratório antropológico e geográfico singular, pois permite de forma clara perceber as inúmeras adaptações humanas ao longo das mudanças ambientais, bem como as mudanças de organização do espaço, ocorridas ao longo de muito tempo. E com isto, estabelecer precisos calendários de caça e coleta.

A medida que as escavações nos conduzem para épocas mais recentes, fica patente a grande capacidade do homem que ali habitou, em relacionar com outros povos, aprender e ensinar com estes. Da mesma forma que fica patente a capacidade inovadora daquelas populações ali residentes, ancestrais de alguns grupos indígenas que provavelmente ainda sobrevivem até os dias atuais.

De aproximadamente 4.000 anos, em direção aos tempos atuais, é impressionante a quantidade de vegetais exógenos, alguns já domesticados, encontrada nas camadas: amendoins, algodão, favos e grãos de feijão, um tipo de cereal primitivo semelhante ao arroz, cucurbitáceas, e espigas de milho primitivo, algumas ainda com palhas e grãos.



Esta preservação só é possível, em função de um microclima especial que se forma no interior desses abrigos.

Para ilustrar tal fato, relato a descoberta de uma faca trabalhada em pedra lascada, com marcas de sangue e envolta numa espécie de bainha feita de folhas e amarrada com corda trançada da embira de tucum, datada de 8.000 anos e toda preservada.

Também de forma muito clara é possível ler nestes sedimentos a invenção e introdução da cerâmica, no cotidiano desses povos. Nós arqueólogos definimos no mínimo duas grandes tradições ceramistas para a região. Da mesma forma e, não menos surpreendente essas camadas de sedimentos revelam o início da utilização em larga escala dos instrumentos de pedra polida alguns fabricados no próprio local, outros, pela grande variedade foram introduzidos através de intercâmbios.

Todo esse conjunto de material é encontrado nas camadas de sedimentos formadas no interior dos abrigos.



Nos paredões desses abrigos floresce um conjunto de variados estilos de pinturas rupestres, com formas de animais, formas geométricas, formas humanas, vegetais etc. Em muitos locais, podem ser observadas superposições dessas pinturas, o que indica que foram elaboradas em épocas diferentes. Quando se observa estas pinturas a olho nu, o observador não tem condição de perceber a sua grande variação, porque só se percebe as pinturas mais recentes e mais bem preservadas. Todavia, quando se aplica a técnica infravermelha, quer seja para observação, quer seja para registro, pode-se constatar a grande variação que caracteriza esses painéis com pinturas.

Por estas e outras razões é que se afirma que a região arqueológica de Serranópolis está entre os maiores patrimônios arqueológicos do mundo. E, sem nenhuma dúvida pode ser considerada o mais importante capítulo para entender a ocupação indígena do Brasil.

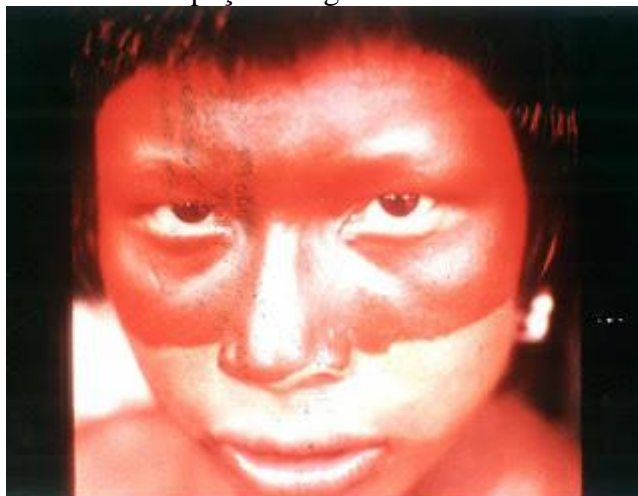


Foto: Jesco

Domingo, 13 de novembro de 2016